

Trump e a guerra ao conhecimento

Um dos maiores sinais da decadência americana é ter um presidente querendo destruir as universidades de Harvard e Columbia

Guga Chacra, 29/05/2025

Link: <https://oglobo.globo.com/blogs/guga-chacra/post/2025/05/trump-e-a-guerra-ao-conhecimento.ghtml>

O sonho de Alexandre, o Grande, ao fundar Alexandria, em 331 a.C., era criar uma metrópole cosmopolita, tolerante para os padrões da época e voltada para o comércio. Localizada no Mediterrâneo Oriental, servia de interligação entre as civilizações helênica, persa e egípcia. General e amigo de Alexandre, Ptolomeu, pioneiro da dinastia que reinaria na cidade por séculos, valorizava o conhecimento e a academia. Atraiu intelectuais de todas as partes e ergueu a gigantesca Biblioteca de Alexandria.

Os EUA nasceram mais de 20 séculos depois, a partir de uma geração de gênios conhecida como “Founding Fathers”, ou pais fundadores. Alguns chegariam à Presidência, como Washington, Adams, Jefferson e Madison. Outros, não. Ainda assim, entrariam para a História por sua genialidade como Benjamin Franklin, um jornalista, diplomata, cientista, político e filósofo. Seu legado fez com que os EUA se tornassem a mais poderosa nação da História da Humanidade, algo que Alexandre certamente invejaria.

Como Ptolomeu, valorizavam o conhecimento. Dos dez primeiros presidentes dos EUA, sete falavam latim. Quatro deles também eram fluentes em grego clássico e tinham enorme interesse nas histórias do mundo helênico, de Alexandre. John Quincy Adams também se comunicava com fluência em francês, italiano, espanhol, alemão e russo. Mesmo antes destes estadistas cultos que os EUA tiveram no passado, o foco na academia e no conhecimento já dominava a ainda então colônia britânica. Das oito universidades da chamada Ivy League, sete foram fundadas antes da independência americana. A mais tradicional delas, Harvard, 140 anos antes da independência.

Harvard é tão gigantesca que muitos inventam ter estudado ou lecionado nessa universidade em Massachusetts. Harvard não precisa explicação. Qualquer pessoa a associa à excelência. Oito presidentes dos EUA e 22 ministros da Suprema Corte se formaram em Harvard — incluindo quatro dos nove atuais. É a universidade que mais formou lideranças internacionais no setor público e privado e a que mais recebeu prêmios Nobel, superando todos os países do mundo, tirando os EUA. Uma parcela expressiva deles nasceu em outras nações. Graças a Harvard, temos alguns dos mais avançados tratamentos de câncer, doenças cardíacas e neurológicas.

Trump, que nunca se interessou em estudar outra língua e como Biden é monoglota, quer destruir Harvard e seus pares como a Columbia. Despreza o conhecimento e a ciência. Republicanos e democratas historicamente adotam posições opostas em uma série de questões, mas sempre houve um consenso sobre a importância da academia para os EUA. Até porque de Harvard, Columbia, Yale e Princeton saíram alguns dos maiores expoentes conservadores, progressistas e até do trumpismo — Steve Bannon é formado em Harvard.

Enfraquecer Harvard e as universidades americanas equivale a incendiar a Biblioteca de Alexandria nos tempos modernos. Demonstra ignorância. Um ato bárbaro. Claro que Harvard não acabará, mas estes quatro anos e as ações destrutivas da administração Trump certamente a enfraquecerão e não será simples reverter o processo no futuro. Alexandria nunca mais foi a mesma depois de a biblioteca ser incendiada. A decadência foi irreversível. Um dos maiores sinais da decadência americana é ter um presidente querendo destruir Harvard e Columbia — o que Benjamin Franklin, Washington, Adams e Jefferson achariam do desprezo de Trump pelo conhecimento?